

PARECE, MAS NÃO É!

Ilan Brenman

Resenha

Nem tudo é o que parece. Vira e mexe a gente se confunde: é fácil uma zebra passar despercebida em uma imagem em preto e branco. Identificar qual é o maior dos ratos que seguem o sedutor flautista de Hamelin pode ser apenas uma questão de perspectiva; uma rocha perto do mar pode parecer a cabeça de um gigante olhando os peixes saltarem para fora da água. Um mesmo retrato pode revelar dois rostos diferentes, olhando de um lado ou de outro: quando cada ângulo revela a sua verdade, como é que a gente pode dizer o que está de ponta-cabeça? Dois rostos unidos podem desenhar a silhueta de um cálice. Talvez a matemática e a geometria tenham sido inventadas, entre outras coisas, porque nem sempre é possível confiar nos nossos olhos: eles, geralmente, trapaceiam conosco, fazendo com que nossas percepções do que é grande ou pequeno ou do que está perto ou longe sejam facilmente distorcidas.

Em um livro que também é um jogo que brinca com a nossa percepção, Ilan Brenman e Guilherme Karsten nos lembram de que muitas vezes nos enganamos à primeira olhada. A cada página dupla, nos deparamos com uma divertida imagem-enigma e com uma pergunta que nos desafia a observar a ilustração de maneira mais atenta, para além da nossa primeira impressão. As imagens, portanto, são mais do que ilustrações: é na maneira como elas se mostram capazes de confundir nosso olho que o jogo do livro se dá. Guilherme Karsten explora diferentes efeitos ópticos: jogos de perspectiva e tridimensionalidade, jogos ambíguos entre linhas retas e curvas, imagens que se transformam inteiramente ao serem vistas de diferentes ângulos, e assim por diante. De maneira lúdica, o livro nos convida a ir além da zona de conforto do nosso olhar e nos faz perceber a complexidade das imagens.



Coordenação:
Maria José Nóbrega

Depoimento

De Pedro Felício,
ator, músico e pai

Lemos este livro aqui em casa antes de dormir. Em meio a outros três. De maneira que acreditei que o livro havia passado um pouco em branco pela percepção das crianças, ainda que tenhamos nos debruçado cuidadosamente em cada página, medindo distâncias com os dedos, virando o livro de cabeça pra baixo, voltando páginas para conferir. “Um bom livro de brinquedo”, disse eu pra mim mesmo.

Estou eu, então, mais de uma semana depois da leitura do livro, sozinho na sala, trabalhando, enquanto as crianças brincam em silêncio no quarto. “Crianças em silêncio não sei se é bom sinal”, pensei e fui ver o que estava acontecendo. Quando entro no quarto, meu filho mais velho se alegra e corre para me mostrar o desenho que acabara de fazer: uma releitura de Rex Whistler! Sim, ele se dedicara por mais de 15 minutos a desenhar um rosto que, visto de ponta cabeça, era outro rosto. Sua irmã mais nova, de menos de 5 anos, estava absolutamente comprometida com sua folha de papel amarela e suas canetinhas a construir ela também uma

imagem que reproduzisse a ilusão apresentada a nós por Karsten e Brenman!

“Igual daquele livro, pai!”, sublinhou o mais velho.

Foi um disparador para que eu me inspirasse a mostrar para as crianças todas as referências que os autores utilizam em seu *Parece, mas não é*. Passeamos por Whistler, Arcimboldo, Dalí e Escher por quase uma hora, buscando em livros meus e em imagens da internet.

Todo esse processo foi muito curioso, na medida em que percebi duas coisas fundamentais (das quais eu já tinha conhecimento, mas que me pegaram, desta vez, por uma via da experiência real e prática). A primeira é que livros são portas: nos abrem passagens para universos que não estão apenas dentro deles mesmos, mas se tornam motores para mergulhos e viagens pessoais das mais variadas estirpes. A segunda é que livros não são analgésicos: não fazem efeito dez minutos depois de lermos. Pode-se esperar semanas, meses, talvez até anos para que nos atinjam com força e transformem nossas perspectivas.

E se essas premissas funcionam tão bem em livros que já li em minha vida (bons livros, livros para adultos, ficção ou não), por que não funcionariam para os pequenos? Pois em *Parece, mas não é*, funciona precisamente.





Um pouco sobre o autor

Ilan Brenman tem um amor profundo pelas mais diversas narrativas. Esse afeto está ligado diretamente à origem do autor, pois ele é israelense, naturalizado brasileiro, filho de argentinos, neto de poloneses e russos. Psicólogo de formação, Ilan é mestre e doutor pela Faculdade de Educação da USP, já ministrou centenas de cursos e palestras pelo país afora, sempre discutindo a importância das histórias lidas e contadas oralmente na vida de bebês, crianças, jovens e adultos. Possui mais de 50 livros publicados (vários deles no exterior), entre os quais *Até as princesas soltam pum* (Brinque-Book, 2008), seu *best-seller*. Muitas das suas obras ganharam o selo Altamente Recomendável da FNLIJ, além de participarem do catálogo da Feira de Bolonha, Itália. Em 2019, tornou-se autor exclusivo da Editora Moderna. Para saber mais sobre o autor, acesse: www.bibliotecailanbrenman.com.br.



Leia Mais

Da mesmo autor e série

- ✦ *Enganos*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Famílias*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Refugiados*. São Paulo: Moderna.

Do mesmo gênero ou assunto

- ✦ *A pequena marionete*, de Gabrielle Vincent. São Paulo: Editora 34.
- ✦ *Bárbaro*, de Renato Moriconi. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- ✦ *Sombra*, de Suzy Lee. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- ✦ *Não confunda*, de Eva Furnari. São Paulo: Moderna.

